



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Consumo [ST]

---

---

#### **PET E RAÇÃO VEGETAL: PARADOXOS DA DIETA VEGANA AOS ANIMAIS DOMESTICADOS**

---

---

ABONIZIO, Juliana

Pós-doutorada, Sociologia, Universidade Federal de Mato Grosso, [abonizio.juliana@gmail.com](mailto:abonizio.juliana@gmail.com)

---

BAPTISTELLA, Eveline

Doutoranda, Universidade do Estado de Mato Grosso, [evelbap@gmail.com](mailto:evelbap@gmail.com)

---



### Resumo

Com as descobertas científicas e o despertar para novas sensibilidades, assistimos a uma intensificação do debate sobre a inserção dos animais na vida moral da sociedade e ao crescimento de movimentos sociais referentes, dentre os últimos, destacamos o veganismo abolicionista que, diferindo de outros movimentos, como os protecionistas e bem estaristas - que são criticados por não romperem com a dominação especista - defende a libertação de todos os animais da dominação humana através, principalmente, da recusa de consumo. Os veganos abolicionistas defendem a libertação animal e boicotam o consumo de produtos que tenham ingredientes animais ou que tenha causado qualquer tipo de sofrimento animal em sua produção, mas enfrentam um dilema ético ao alimentar outros animais, que, pela situação de domesticação em que se encontram, dependem do ser humano para a sobrevivência. Assim, seria ético comprar ração feita de ingredientes animais para o consumo de outros animais? Seria correto impor uma restrição dietética baseada na conduta moral a um animal doméstico e obriga-lo a uma dieta vegana? Como as empresas que produzem ração vegetal aproveitam desse paradoxo e veiculam seu produto? Para responder tais questões, analisamos a publicidade de marcas de ração vegetal e, através de uma etnografia dos espaços virtuais, analisamos centenas de postagens e discussões virtuais sobre o tema. Os resultados obtidos apontam para uma remarcação da fronteira que separa e aproxima a animalidade da humanidade, ao inserir os animais na dimensão ética que caracteriza, para os humanos, o ato de comer, transcendendo em muito a busca por nutrientes.

### Abstract

With scientific discovery and awakening to new sensibilities, we have seen the growing debate about the inclusion of animals in the moral life of society and the growth of social movements that has animal cause as a flag. One of the forms of activism that is currently growing in number and visibility is the practice of the self called abolitionist veganism, that differs from other movements, such as protectionist and animal welfare movement - which are criticized for not breaking with the speciesist domination - advocates the release of all animals of human domination primarily through the act of refusal any consumption of animal products. Abolitionist vegans preaches animal liberation and boycott the consumption of products that have animal ingredients or has caused any kind of animal suffering in their production, but they face an ethical dilemma when its time to feed other animals, which are domesticated and depends on humans for survival. Thus, it would be ethical to buy pet food made of animals for pets consumption? This goes against the principle of the movement? It would be correct to impose a dietary restriction based on moral conduct to a domestic animal and forces it to a vegan diet? How companies that produces vegetable pet food take advantage of this paradox and publicize their product? To answer these questions, we analyze the advertising of vegan pet food brands and through an ethnography of virtual spaces, we analyze hundreds of posts and virtual discussions on the topic. The results point to a replacement of the frontiers that separates and approaches the animality of humanity when introducing animals in the ethical dimension that characterizes, for humans, the act of eating, transcending much the search for nutrients.

Palavras-chave: *pet*; veganismo; ração vegetal

Keywords: pet; veganism; vegan pet food

COM05811



Atualmente, assistimos a inserção crescente de animais na esfera moral, tanto em razão de descobertas científicas, provenientes, por exemplo, da etologia cognitiva, quanto por meio da emergência de novas sensibilidades que se manifestam no crescimento de movimentos sociais que atuam na causa animal e nas propostas de leis que visam proteger animais e coibir maus tratos, como a proibição de animais em circo, de criação de animais para extração de pele usada como vestuário, dentre outras iniciativas. Neste contexto, destacamos o veganismo em sua vertente autointitulada abolicionista. Diferente de outros movimentos, como os protecionistas e bem estaristas - que são criticados por não romperem com a dominação especista - os veganos abolicionistas defendem a libertação de todos os animais da subjugação humana e, em termos práticos, boicotam o consumo de produtos que tenham ingredientes animais ou produtos cuja produção tenha causado qualquer tipo de sofrimento animal. Tais militantes adotam uma dieta livre de carne, mas enfrentam um dilema ético ao alimentar outros animais, que, pela situação de domesticação em que se encontram, dependem do ser humano para a sobrevivência, uma vez que cães e gatos são consumidores de carne e as rações destinadas a esses animais são produzidas com alimentos cárneos. Diante disso, há um dilema entre não se alimentar de carne e comprar carne para outros animais, em espécie ou em forma de ração, ou impor uma dieta vegana a outros animais, obrigando-os a uma conduta moral que foge a sua capacidade de escolha. As soluções para esses dilemas podem residir no mercado de onde vemos emergir rações vegetais para cães e gatos que aproveitam desse paradoxo, livram o dono da culpa e veiculam seu produto. Para compreender os entrelaçamentos entre as condutas morais e a alimentação de homens e animais no contexto do veganismo abolicionista e outros movimentos com os quais dialoga, recorreremos à análise da publicidade de marcas de ração vegetal e, com uma etnografia dos espaços virtuais, coletamos centenas de debates sobre o tema que foram lidos a partir de referenciais da sociologia do cotidiano, antropologia da alimentação, estudos de consumo e etologia cognitiva. A partir de procura por frases como cão vegano, ração vegetal, localizamos postagens e, a partir delas, localizamos outras. As postagens e os comentários foram fichados, a grafia dos textos dos comentários foi modificada em termos de tamanho, fonte, cor a fim de padronizar esteticamente a citação. Também corrigimos eventuais erros de digitação, mas o conteúdo foi mantido. Os resultados obtidos apontam para uma remarcação da fronteira que separa e aproxima a animalidade da humanidade, ao inserir os animais na dimensão ética que caracteriza, para os humanos, o ato de comer, que transcende em muito a busca por nutrientes. Assim, a alimentação dos animais que era vista como um imperativo de sua natureza herbívora ou carnívora passa a ser inserida na dimensão cultural que caracteriza a alimentação humana e sujeita, por tanto, ao contexto em que se encontra.

Existem muitas teorias buscando estabelecer o momento e a maneira como humanos e alguns animais desenvolveram laços de afeto. Os cães, chamados há gerações, de “melhores amigos do homem” parecem figurar em primeiro lugar nesta hierarquia de amizade e a história de sua parceria com os humanos é alvo de diversas pesquisas. Segundo Hobgood-Oster (2014), há evidências que remontam à convivência harmônica entre homens e proto-cachorros até a última Era do Gelo, que teve início 26.500 anos atrás.

Evidências históricas mostram que a parceria entre estas duas espécies aconteceu ao mesmo tempo e em lugares diversos do globo, de forma que é difícil acreditar que este processo de domesticação se deu primeiramente em uma comunidade e depois foi transferido para outros agrupamentos (Hobgood-Oster, 2014). Apesar de lobos e humanos representarem ameaças uns aos outros, estes dois animais acabaram encontrando motivos para se unirem e o consenso é que ambos encontraram vantagens na vida em conjunto.

*O mais provável é que os laços que uniram estas duas espécies centenas de anos atrás quando eles emergiram do frio do Máximo Glacial foram similaridades nas práticas de caça e na organização social. Enquanto eles caçavam e matavam presas, cada espécie encontrou na outra benefícios para sua sobrevivência (...)* (Hobgood-Oster, 2014, p.202).

Para Hare e Woods (2012), os cães não foram exatamente domesticados pelos humanos. Na verdade, eles aprenderam a se comunicar com as pessoas e estabeleceram padrões de comportamento interessantes para ambos. Foi a própria seleção natural que privilegiou o desenvolvimento de cães cada vez mais amistosos ao

homem. Esta teoria faz sentido quando pensamos que os cães prosperaram enquanto os seus ancestrais, os lobos, foram praticamente dizimados em todo o planeta.

Homens e animais convivem há muito tempo e de maneiras bastante diversas. Muitas dessas relações são mediadas por afeto, em especial ao que se refere a um animal designado não por suas características intrínsecas, mas pelo tipo de relação que com eles se estabelece: o animal de estimação. O chamado *pet* não tem finalidade ou função outra que não ser estimado e conviver com seres humanos, seus tutores.

É uma categoria de relacionamento que acaba por provocar a mobilidade das separações estabelecidas entre animais humanos e não-humanos. Segundo Ingold (1994:21), a percepção do homem como um ser superior ao restante dos animais foi construída de forma que a humanidade se tornou um estado alternativo do ser. No imaginário em questão, o humano, apesar de fazer parte do reino animal, é percebido como uma figura única, dotada de características especiais, enquanto todos os outros animais, a despeito das inúmeras diferenças que apresentam entre si, são elencados sob a mesma designação: bichos.

*Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral* (Ingold 1994, p.14 - 15).

Uma análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mostra que já existem mais cães que crianças nos lares brasileiros:

*(...) de cada 100 famílias no país, 44 criam cachorros, enquanto só 36 têm crianças. (...) o resultado do cruzamento de dados saiu apenas na semana passada. Ele apontou a existência de 52 milhões de cães, contra 45 milhões de crianças até 14 anos – uma situação que se assemelha à de países como o Japão (16 milhões de crianças, 22 milhões de animais de estimação) e os Estados Unidos (em 48 milhões de lares há cães; em 38 milhões há crianças)* (Ritto; Alvarenga 2015, p. 71).

Os termos *pet*, “de companhia” ou “de estimação” são utilizados para definir a condição de um animal e o papel ocupado em relação aos humanos e esse papel pode ser transformado ao longo da biografia do próprio animal. Além dessa terminologia, *pet* também denomina um tipo de mercado.

Diante dos inúmeros produtos dirigidos aos entes queridos denominados *pets*, estranhamos a publicidade de um produto específico: a ração vegetal. No Brasil, encontramos uma única marca, a Fridog que, apesar de dizer que é 100 por cento vegetal, contém vitamina D retirada de lãs de ovelhas, segundo o próprio site.

Ao analisar os comentários do próprio site, que se afirma como “site sincero” – ou seja, que publica todos os comentários e avaliações, sem filtra-las, deparamo-nos com perguntas sobre a utilização da lã de ovelha, os motivos da utilização de transgênicos e também – o que mais nos chamou a atenção – o dilema entre a suposta necessidade de alimentos cárneos para a saúde canina e os conflitos morais de compra-los para aqueles que se adotam o veganismo.

Diante dessa publicidade, vários estranhamentos nos tomaram, como a oferta de alimentos do tipo biscoitos feitos com ingredientes selecionados e expostos de maneira absolutamente igual aos biscoitos dirigidos ao consumo humano, a ideia de uma alimentação saudável e boa para o planeta, a ideia de compartilhar um tabu alimentar – coisa até então considerada tipicamente humana – com os *pets*, a valorização do artesanal e natural, muito embora trate-se de alimentos industrializados, enfim, passamos a dividir a mesa com os animais domesticados? O que essa aproximação na comensalidade expressa nos tipos de alimentos e em suas formas e atribuições dizem da relação com os animais domesticados na sociedade contemporânea?

Há pouco tempo, animais domésticos comiam restos das mesas de seus donos. Depois, criou-se o império das rações e dos alimentos que são próprios aos organismos dos animais. Atualmente, uma nova aproximação, de um lado, por biscoitos que chegam a despertar desejo em humanos e, por outro, através da defesa de comida humana para os animais, inclusive impondo aos mesmos restrições baseadas na ética, como o caso do veganismo.

De um lado, temos os determinantes biológicos que classificam os animais entre herbívoros, onívoros e carnívoros. Em se tratando de animais humanos, apesar da discussão biológica ter alguma importância diante dos debates entre os que adotam uma dieta livre de carne e os que a consomem, vemos que a biologia é, em termos motivacionais para adoção e permanência em determinada dieta, inferior às motivações éticas ou relacionadas às crenças de saudabilidade.

Atualmente, em uma sociedade complexa e fragmentada, há inúmeras possibilidades dietéticas fundadas nas mais diferentes práticas e vertentes teóricas e o consumo alimentar tem se tornado um campo de batalhas que envolve questões morais, políticas, econômicas e ambientais. Dentre as formas de ativismo relacionadas ao consumo alimentar, destacamos a prática do veganismo, cada vez mais crescente em número e visibilidade. O veganismo propõe a ruptura da hierarquia humana sobre os demais animais, mas resta a dúvida: animais podem ser veganos? Podem, eles mesmos, atuar em causa própria? A alimentação dos animais pode enfim prescindir de determinantes biológicos e se fundar sobre causas morais?

A abstinência do consumo de carne e de produtos animais, total ou parcialmente, é elemento de algumas práticas religiosas, como o Budismo, o Adventismo do Sétimo Dia (Fraser, 2003, apud Fox; Ward, 2008), a rejeição à carne de porco por judeus e islâmicos e à carne bovina na Índia (Beardsworth; Keil, 1992). Outros optam por um vegetarianismo secular, livre de motivações religiosas (Whorton, 1994).

Beardsworth e Keil (1992) classificaram seis tipos de vegetarianos de acordo com um conjunto de práticas alimentares que variam numa escala de menor a maior rigor, estando no topo, a vegetariana estrita, que também é chamada de vegana, mas esta denominação não se resume ao consumo alimentar, atingindo outras formas de consumo. O vegano recusa o consumo de animais e produtos derivados e se baseia no sentimento ético e contrário ao especismo.

Se o consumo humano pode significar posições ideológicas e políticas, o que dizer do consumo dos animais que tutela?

É o dono ou tutor quem paga as contas e quem decide pelo consumo de seu animal, consumo aqui pensado não no sentido de aquisição mercadológica. Em suma: o cão ou gato – para citar apenas as espécies que mais frequentemente ocupam a categoria *pet* - não decidem o que comem, é o dono quem o faz e, portanto, é sobre ele que recai a responsabilidade pelo consumo correto ou nocivo de seu filho de quatro patas.

Parte da construção da identidade vegana dá-se na abolição do consumo de carnes e outros derivados de animais, mas, quando o consumo não significa a ingestão ou uso direto, mas destina-se às necessidades biológicas de outros animais, o que fazer? Comprar ou não comprar carne (in natura ou em forma de ração) para seu cachorro ou gato? Comprar produtos cárneos, ainda que não usa-los ou ingeri-los, abala a identidade cuidadosamente construída? Por outro lado, impor uma dieta baseada em valores morais em contrariando a natureza do *pet* não seria desrespeito e especismo?

No texto intitulado *É certo estender o veganismo ao seu animal de companhia?*, vemos essa questão à tona. A autora achava um absurdo responder afirmativamente a pergunta título, mas tem revisto sua opinião: “Eu sentia um enorme desconforto moral com a ideia de alimentar um animal carnívoro, como o gato, exclusivamente com vegetais.”

Para a autora, seria melhor que os veganos adotassem somente animais herbívoros, mas quando viu a ração vegana e leu o livro *Cães Veganos* (que afirma que os animais precisam de nutrientes específicos e não ingredientes específicos), mudou sua posição:

*Se o importante pro organismo são os nutrientes, que diferença faz se nessa ração eles são de origem vegetal e nessa outra de origem animal, quando as quantidades estão adequadas pras necessidades dos animais?*

A autora conta que aprendeu a fazer ração vegetal, mas evoluiu ainda mais sobre o assunto e contou aos leitores que uma amiga sua pede sobras de carne em churrascaria para dar ao cão que adotou. O ato de comer carne nessas circunstâncias não afeta a moral, pois o problema é financiar a indústria, usar seu dinheiro para isso: “Eu aceito e respeito a natureza carnívora do meu gato, mas não quero de maneira alguma usar meu dinheiro para patrocinar a indústria da carne.”

Os argumentos em defesa da ração vegetal são bastante parecidos com os argumentos favoráveis a adesão do veganismo e baseiam-se na saudabilidade, sustentabilidade e ética.

Veganos e vegetarianos em geral ouvem a crítica de seus opositores baseada na questão de que animais – grandes felinos, geralmente são usados nos exemplos – caçam e se alimentam de outros animais, assim, por analogia, os humanos não seriam maus se comessem animais, já que eles mesmos comem uns aos outros.

A esse tipo de argumentação, a militante e pesquisadora Sônia Felipe responde no artigo Direitos das Minhocas. Em seu texto, ela discute sobre aqueles que acham que se nós não podemos comer animais por ser antiético, os demais animais também não deveriam fazê-lo, o que, para ela, é um raciocínio equivocados por “aplicar para os animais não humanos o conceito de ‘dever moral de não matar’”. Para ela, direitos e deveres como igualdade e justiça não são conceitos naturais, assim:

*Se os pássaros continuam a comer minhocas, essa não é uma questão ética que afete os humanos. O que os animais fazem uns aos outros, desde que não tenham sido nós os responsáveis pela criação da situação de predação entre eles, é problema deles.*

Os comentários do texto caminham para o debate sobre animais domésticos e as rações feitas a base de carne, porque, neste caso, haveria a interferência humana direta, por meio da compra e da produção, inclusive pela domesticação dos animais de modo a torna-los dependentes para se alimentar. A própria autora, Sonia Felipe, escreve outro artigo, justamente sobre esse tema Animais carnívoros mantidos sob guarda humana. Logo de início, ela aponta o dilema ético tema de sua reflexão:

*Você respeita o direito de viver dos animais que você não come mais, porcos, galinhas, vacas, ovelhas, perus, etc, mas, ao mesmo tempo, mantém sob seu domínio e na sua dependência animais carnívoros e precisa terceirizar a matança de animais para alimentar o seu.*

Para ela, a base desse dilema assenta-se sobre a crença de que podemos matar para comer e que isso é natural, porém:

*Se respeitamos o natural, não manteremos sob nosso domínio animais que precisam comer carnes, porque não há, na natureza, animal algum que pague para matarem o que ele precisa comer. Nós terceirizamos tudo, inclusive a habilidade dos nossos chamados animais de estimação, de obter a seu próprio modo o alimento que atende às suas necessidades.*

Seu texto certamente polêmico pode ofender ao chamar a situação de *pet* de humilhante, uma vez que há inúmeros tutores que acham mesmo que seus animais tem uma vida mais digna do que a vida de muitos humanos, em especial, os menos abastados. Os comentários refletem a polêmica sobre a alimentação dos animais e caminham para uma discussão sobre a legitimidade ou não de possuir ou tutelar animais, o que, em última instância, levaria ao desejo de sua extinção para evitar a exploração humana sobre eles.

14 – “Nenhum animal merece viver fechado em um apartamento. É apenas menos pior que viver na rua. Os cães e gatos devem existir em sua forma selvagem, os domésticos tem que ser extintos”.

15 – “Não sou contra animal de estimação para mim é um filho! Se isso não é ser vegan então não sou! Porque dou muito amor e carinho a eles.”



Com essa questão, a discussão divide os veganos abolicionistas que não querem apenas abolir a exploração, mas parecem desejar a abolição de qualquer relação com animais, uma vez que parece intrínseca a existência de poder na relação interespecie e os que fazem um movimento de proteção aos animais, em especial aos domesticados em situação de rua.

A questão que divide os movimentos que pautam a causa animal está dada. A ideia de como alimentar coerentemente com suas ideologias e eficazmente de acordo com o organismo dos animais domesticados tem gerado intenso debate. Aproximam os animais da humanidade pelas constatações de senciência, pela exigência de direitos e pela alimentação, basicamente industrializada ou de alguma forma humanizada, sejam restos de comida, vegetais e grãos cozidos ou rações feitas por especialistas. No caso das rações, defende-se que tenham aquilo que é necessário ao corpo e, com isso, estabelecem uma diferença entre o necessário e o supérfluo, ou entre o necessário e o fruto do desejo. O primeiro, algo veterinário, o segundo, remetendo-se às questões do espírito. Ao ofertar aos animais tão-somente suas necessidades básicas – ou seja, básicas exclusivamente ao seu corpo, à sua manutenção biológica – eles são destituídos de qualquer valor que transcenda a esse corpo, como alma, mente ou espírito. A diferenciação entre humanos e demais animais novamente se instala, pois já é há muito sabido que a comida transcende, para os humanos, os valores nutricionais.

Mas, sendo a alimentação uma questão moral, impo-la aos animais, parece imoral, pois lhes retira a autonomia e a moralidade reside na possibilidade de escolhas livre, possibilidade esta que não existe nos animais tutelados.

O movimento que pensa as causas animais mostra-se dividido. De um lado, protetores que salvam vidas de carne e osso e tentam a duras penas manter os animais considerados *pets* vivos e sãos, ainda que a custo da vida de outros animais. Para aliviar a culpa, pedem-se restos de animais, compra-se ração – já que é feita de expurgo -, ou dão-lhe vegetais. Para os abolicionistas, cientes da ineficiência dessas práticas e da incoerência dessas atitudes, contrários a perda de autonomia dos animais, contrários à manipulação humana de sua alimentação, tornam-se contrários a sua existência e, já que acham impossível relacionar-se de modo não repressivo com animais, para evitar sua exploração, tornam-se contrários a sua existência.

## Referências

Beardsworth, Alan; KEIL, Teresa. (1992) The vegetarian option: varieties, conversions, motives, and careers. *The Sociological Review*, 40, p. 253-293.

Felipe, Sônia (2011). *Abolicionistas, bem-estaristas, socorristas*. Disponível em [www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas](http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristas-socorristas). Acesso em 28/01/2016.

Felipe, Sônia (2015). *Direitos das Minhocas*. Disponível em <http://www.veggietal.com.br/direitos-minhocas/>. Acesso em 12/03/2016.

Felipe, Sônia (2015). *Animais carnívoros mantidos sob guarda humana*. Disponível em: [www.veggietal.com.br/carnivoros-guarda-humana/](http://www.veggietal.com.br/carnivoros-guarda-humana/). Acesso em 16/03/2016.

Ingold, Tim. “Humanity and animality”. (1994) In: Ingold, Tim (Org.) *Companion encyclopedia of anthropology*. Tradução de Vera Pereira. Londres: Routledge. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_28/rbcs28\\_05.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm)

Hare, Brian; Woods, Vanessa. (2012). *Seu cachorro é um gênio: como os cães são mais inteligentes do que se pensa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Hobgood-Oster, Laura. (2014) *A dog's history of the world: canines and the domestication of humans*. Waco: Baylor University Press.

Ritto, C; Alvarenga, B. (2015) A casa agora é deles. *Veja*, Abril, n. 2429, p. 71.

Whorton, J.C. (1994) Historical development of vegetarianism. *The American Journal of Clinical Nutrition*, 59.